

**LITERATURA E JORNALISMO NA ESCRITURA  
DA MODERNIDADE LATINO-AMERICANA**

Marta Eymael Garcia Scherer<sup>1</sup>

**RESUMO**

Traçar ou trançar considerações acerca dos distanciamentos e aproximações da poesia e da crônica é o que se propõe este ensaio, que questiona os limites entre as diferenças formas da mesma arte: a escritura. As idéias aqui expostas fazem pensar sobre a escrita da modernidade, que transmuta e perpassa os gêneros, fazendo com que as fronteiras sejam tênues. É neste contexto que as crônicas se tornaram um espaço transformador para a prosa e a poesia, impregnadas que estavam uma da outra, num movimento mútuo de absorção de técnicas textuais e poéticas. Ao desenvolver o ensaio cotejamos apontamentos teóricos com os nomes de Olavo Bilac, Ruben Darío, Leopoldo Lugones e José Martí – famosos por sua capacidade poética, por suas posições políticas, por seus textos. Múltiplos e artistas da escritura, são apenas alguns dos tantos nomes que viveram as contradições da modernidade e as transformaram em texto.

**Palavras-chave:** Crônica. Poesia. Modernidade.

Poesia e prosa, prosa e poesia. Existirá um limite tão circunscrito como querem fazer crer alguns teóricos? Será que a poesia não contém características de texto em prosa e esses não são por vezes poéticos? Como se dá essa dupla produção em um único escritor? Será que a modernidade trouxe – também – consigo o baralhamento das fronteiras entre poesia e prosa?

São essas algumas das questões que me fizeram buscar em quatro importantes poetas sua produção em prosa, para então pensar a questão dos limites entre as diferenças formas da mesma arte: a escritura. Com a própria idéia de verso sendo dissolvida, a poesia passou a percorrer e a deslizar por outros

sistemas, desobedecendo, de forma mais clara, os extremos entre as artes. Nestas páginas pensarei sobre essas fronteiras dentro do marco da modernidade, apresentada não como um recorte temporal, mas sim como uma forma de pensar e agir.

Para tanto, ainda que sem estudar a produção pontualmente, citarei os nomes de quatro autores latino-americanos para pensar sobre literatura e jornalismo. Olavo Bilac, Ruben Darío, Leopoldo Lugones, José Martí – famosos por sua capacidade poética, por suas posições políticas, por seus textos para imprensa. Apresentados, entretanto, sempre de forma fragmentada, como se o poeta e o cronista – para não entrar em outros gêneros em prosa, como romances ou discursos – não fossem um único artista. Vale lembrar que o intelectual desse momento torna-se um “pintor da vida moderna”, para utilizar a expressão assim definida por Charles Baudelaire: “O pintor (ou romancista ou filósofo) da vida moderna é aquele que concentra sua visão e energia na ‘sua moda, sua moral, suas emoções’, no ‘instante que passa e (em) todas as sugestões de eternidade que ele contém’”. (BERMAN, 1986, p. 130-131).

Com apenas alguns anos de diferença, esses intelectuais foram expoentes de uma época e viveram a chegada da modernidade nos seus países de origem ou de escolha, sempre na América menos desenvolvida. E foi essa mentalidade que os uniu, pois foram contemporâneos do que na Hispano-América chamou-se Modernismo e Vanguarda, e, no Brasil, mais ou menos simultaneamente, Simbolismo e Modernismo. Os países onde esses escritores viveram e escreveram têm traços em comum, tais como a incorporação da economia ao mercado mundial, a chegada de imigrantes em grande número, o vertiginoso crescimento das cidades, a tentativa de construção da identidade nacional, a ascensão e consolidação da burguesia na vida política e econômica.

O momento é de virada dos séculos XIX para XX, uma época de efervescência cultural e econômica, marcada pela crença no progresso e na ciência, quando a civilização se impôs como um caminho sem volta. É a época da entrada na modernidade de uma parcela da sociedade latino-americana, enquanto a maioria da população vivia um atraso substancial. O desenvolvimento da classe média e da vida urbana burguesa nas cidades de maior porte propicia o incremento da vida cultural diversas de esferas, sendo que a letra impressa - seja nos jornais, revistas ou livros – era o centro da atividade intelectual. As mudanças

são abruptas, dentro de dois mundos que convivem num mesmo espaço físico complexo, favorecendo os duplos em diversas esferas da vida social, como na produção literária.

Foi através das letras impressas nos jornais, mais do que a poesia, que muitos autores dialogaram com o mundo moderno. Como explica Néstor Canclini (1999, p.150), “as crônicas jornalísticas de fins do século XIX e princípios do XX configuravam o sentido da vida urbana inventariando o orgulho monumental dos signos de desenvolvimento comercial moderno”, constituindo a narrativa, por excelência, da modernidade que nascia. Por modernidade entende-se essa crise de paradigmas que surge do desafio de conviver com o diferente e com a multiplicidade de versões. E, ainda, como escreveu Baudelaire (2002, p.25) em seu famoso artigo "Sobre a Modernidade", de 1863, "é o transitório, o efêmero, o contingente; é uma metade da arte, sendo a outra o eterno e o imutável".

Tendo como centro indiscutível Rúbén Darío, como precursores José Martí, José Asunción Silva, Manuel Gutiérrez Nájera e Julián del Casal, o modernismo hispano realizou com poetas como Lugones e muitos outros uma esplêndida síntese das principais correntes pós-românticos (parnasianismo, decadentismo e simbolismo), ao tempo que renovou as crises, os valores e as expectativas que marcaram o surgimento do espírito moderno. No Brasil, a figura de Olavo Bilac é exponencial para entender o mesmo movimento.

Vale ressaltar que é, sobretudo, no exercício da perfeição formal que esses escritores celebraram, em prosa e verso, a sua consciência de que a literatura havia alcançado identidade e autonomia. Apesar ser essa uma afirmação bastante discutida atualmente, era o desejo desses homens que viveram um momento de conturbadas mudanças. Foram eles também personagens de seu tempo, incorporando intensamente as contradições de sua época, momento em que, nas palavras do precursor José Martí,

As idéias não fazem família na mente, como antes, nem casa, nem longa vida. Nascem a cavalo, montadas em relâmpagos, com asas. [...] Com um problema nos levantamos; nos deitamos já com outro. As imagens se devoram na mente. Não chega o tempo para dar forma ao que se pensa. Perdem-se umas em outras as idéias no mar mental, como quando uma pedra fere a água azul, se perdem uns nos outros os círculos da água. (MARTÍ apud CHIAMPI, 1991, p.199)

Neste contexto, a modernidade como sentimento, sensação, postura estética e mentalidade, traduz-se pela noção de exigência: é preciso 'ser do seu tempo', acompanhar o ritmo da história, 'captar a mudança e mudar com ela', como ação e pensamento. A crônica aparece então como expressão dessa postura, e também como sua consequência. Pois, ao ser a modernidade múltipla, polifacetada, contraditória, descontínua, como experiência vital, ela pressupõe mais de um olhar, mais de um fazer, mais de um viver. Esse aspecto dialético do movimento é captado por muitos dos escritores daquele momento e analisado por Marshall Berman com precisão quando profere sua conhecida sentença: “ser moderno é viver uma vida de paradoxo e contradição (...) é fazer parte de um universo no qual, como disse Marx, 'tudo que é sólido desmancha no ar’”. (BERMAN, 1986, p.15).

Neste duplo, parece estar a obra poética impregnada dessa experiência intensa de proximidade com a realidade, assim como a produção jornalística estar construída por olhos de um poeta. A separação estanque não parece possível num mundo de contradições, nem foi realizada pelos autores aqui citados. Encontra-se nas obras de Bilac, Lugones, Darío e Martí um sentimento de pertencimento ao jornalismo. Transitam entre viver o cotidiano e as coisas infáveis, fazem crônica da poesia e poesia da crônica. Os limites são tênues na essência, ainda que apareçam tão rígidos na forma. Também nos seus textos em prosa convivem lirismo e memória, ainda que essa mais cotidiana. Como escreveu José Martí apud Becali (1976, p.290), “que um periódico sea literário no depende de que se vierta en él mucha literatura, sino que se escriba literariamente todo”. A linguagem, muito mais coloquial na crônica, não dispensa a fruição estética.

As escrituras fundem-se, multiplicam-se e modificam-se. Desde o fortalecimento da imprensa, o fazer poético se transformou frente ao desenvolvimento dos jornais e ao crescente processo de urbanização das cidades. A linguagem, mais do que instrumento, torna-se foco da poesia. Voltando-se para si mesma, a poesia ganha uma feição crítica que repensa o próprio fazer poético. No Livro Estrutura da lírica moderna, Hugo Friedrich, enxerga a poesia moderna como “desumana”, “fria”, “sem um calor e um sentimento íntimos”, “não participante.

Para Friederich, sobretudo a poesia de Mallarmé representaria a potencialidade desses elementos. Sem maiores pretensões neste ensaio, me parece que o romancista alemão estava equivocado ao separar a vida empírica da linguagem, considerando que os poetas que se dedicam a esta segunda fogem da realidade, constituindo um universo à parte, em que não aparecem mais figuras nem sentimentos humanos. A escolha do nome de Mallarmé surpreende se o considerarmos, como muitos, o primeiro poeta modernista. O poeta quebrou com o linear e afirmou que o jornal é o grande poema moderno por não ser lido de forma unidimensional, ao combinar textos e imagens em diferentes espaços. Como a montagem está absolutamente ligada à modernidade, essa disposição gráfica faz também do periódico um elemento moderno. Conforme ressalta Haroldo de Campos (1977.p.151), em *A Arte no Horizonte do Provável*, “Mallarmé via na imprensa o ‘moderno’ poema popular’, uma forma rudimentar do livro enciclopédico e último dos seus sonhos”.

É também de Mallarmé, em seu famoso artigo *Crise do Verso*, a afirmação de que a forma chamada verso é simplesmente a própria literatura. E Rúben Darío - que ao contrário de Baudelaire, se deu conta de que precisava do jornal - no prólogo do livro *Prosas Profanas*, de 1896, se pergunta: “E a questão métrica? e o ritmo? como cada palavra tem uma alma, há em cada verso, além da harmonia verbal, uma melodia ideal. A música é apenas da idéia, muita vez. (DÀRIO apud CHIAMPI, 1991, p.211)

Se a poesia se deslocou rumo à prosa, como afirma Berardinelli (2003) e bem nos mostrou Baudelaire com seus poemas em prosa, o movimento contrário é mais do que esperado, desejado. Os italianos Montale e Pasolini, citados por Berardinelli, são expoentes da não necessidade de delimitar os 'confins da poesia', ao conduzirem seus escritos como se pudessem ritmo e rima, nos quais a frase toma lugar do verso.

Giorgio Gamben, ao refletir sobre o fazer poético, afirma que é “poesia aquele discurso no qual é possível opor um limite métrico a um limite sintático”, sendo a prosa o inverso dessa afirmativa. Entretanto, ao seguir pensando sobre a questão, lembra da ‘versura’, que constituiu-se de um gesto ambíguo e é o cerne mesmo do verso. Para Agamben (1999, p.33) “esta suspensão, esta sublime hesitação entre o sentido e o som, é a herança poética que o pensamento deve levar até ao fim”. E lembra Platão, que ao recusar as formas tradicionais de

escrita, nunca perdeu de vista a idéia de linguagem que, “não era, para ele, nem poesia, nem prosa, mas o meio termo entre as duas”

Para Walter Benjamin, novos cronistas plantearam desde uma filosofia do cotidiano uma poética para o século XXI. Para o filósofo alemão, o texto em crônica ressalta a valorização da experiência. Em “A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica”, Walter Benjamin revitalizou precisamente a percepção, a experiência, não como *Erlebnis* (vivência), mas como *Erfahrung* - forma de experiência que se articula com o passado, que traz a vivência para o presente com o intuito de modificar esse último. Precisamente porque a crônica não tem pretensão de história é que se torna *Erfahrung* e, portanto, capaz de extrair dimensões significativas dos tempos idos, o que dá oportunidade para que “o passado, conservando o sabor do fantasma, recuperará a luz e o movimento da vida, e se tornará presente”. (BAUDELAIRE, 2002, p.25)

E o presente é o tempo da modernidade, que faz do agora sua própria consciência, “num movimento perpétuo e irresistível de uma modernidade escrava do tempo e devorando-se a si mesma, [...] renovada incessantemente e negando a novidade do ontem” (COMPAGNON, 1996, p.25). Para os que se intitulam modernos, seus predecessores são inferiores porque primitivos, já que é o progresso – das ciências, das técnicas, da arte, da própria sociedade – o parâmetro de qualidade proposto. A própria experiência moderna nasceu em um cenário de indústrias, aparelhos, ferrovias, invenções, sendo constituída por máquinas, das quais a população não passa de “reprodução mecânica”. (MARSHALL, 1986, p.28)

Sendo a crônica a escritura dessa modernidade, torna-se também um lugar de experimentação para autores como Bilac, Lugones, Martí e Darío, que podem ali desenvolver novas formas de linguagem. Foi também um recurso que os permitiu construir uma poética diferenciada e expandida, ao mesmo tempo que participavam da construção e crítica da sociedade que se modernizava. Foi dessa forma que as crônicas se tornaram um espaço transformador para a prosa e a poesia, impregnadas que estavam uma da outra, num movimento mútuo de absorção de técnicas textuais e poéticas como a dos decadentistas, simbolistas e parnasianos.

Os limites entre os gêneros tendem a dissolver-se: se a poesia surge soberana e independente, a prosa, que é o grande campo experimental do

movimento renovador, admite diversas lições e tendências num esforço coerente de integração. Nas palavras de Angel Rama, “el periodismo fue el terreno donde se dilucidó primero y donde se puso a prueba y donde triunfó el sincretismo artístico”. (RAMA, 1985, p.79).

Não há mais tempo e lugar, como explica Susana Rotker, para se falar em rupturas definitivas entre as obras puras (poesia) e as mistas (crônicas) de um mesmo autor, pois o processo de criação do texto vai além da escritura, a transpassa e funde. O diálogo se dá no interior de cada um dos escritores, e também com os interlocutores possíveis, com outros textos e com a cultura. Dessa forma, afirma a autora, “la operación textual no se diferencia drásticamente por el heho de que um mismo autor mezcle la soledad imaginada para su creación poética, com el ruido y las presiones de las redacciones periodísticas” (ROTKER, 1992, p.21).

Dessa simbiose surgem e se alimentam os escritores modernos, que usam essa múltipla escritura de forma contundente pela primeira vez, o que os leva a escrever, como Ruben Darío, em seu Canto de Vida y Esperanza, que “Yo soy aquel que ayer no más decía/ el verso azul y la canción profana [...] y muy siglo dieciocho y muy antiguo y muy moderno; audaz, cosmopolita; con Hugo fuerte y con Verlaine ambiguo, y una sed de ilusiones infinitas. Para Suzana Zanetti, esse poema define bem o poeta, assim como sua ampla visão, “estruturada nessa paisagem de experiências conflitantes, próprias do artista moderno”.

Voltando poucos anos no tempo, encontramos a tão comentada epígrafe de Rimbaud que afirma que “Eu é um outro”, sobre a qual muito se discutiu e continua a se discutir. Ao transformar-se num ícone do artista que não se pode definir, Rimbaud é sempre outro. O “eu rimbaudiano é múltiplo, vário, escorregadio, móvel, fragmentado; ele nunca está onde se quer, onde se pensa, pois é sempre outro e escapa por entre os dedos de quem tenta fixá-lo”, como explica Cairo Meira (2002) no texto Rimbaud, o estranho.

Múltiplos e artistas da escritura, Bilac, Dario, Lugones e Martí são apenas alguns dos tantos nomes que viveram as contradições da modernidade e as transformaram em texto. Nesse breve ensaio, foi realizada a tentativa de pensar sobre essa escrita da modernidade, que transmuta e perpassa os gêneros, fazendo com que as fronteiras entre jornalismo e literatura sejam tênues, senão

pueris.. Sem maiores conclusões, peço licença ao professor Raúl Antelo (1994, p.16) para fazer minhas suas palavras e, com elas, finalizar este ensaio:

abrimos o caminho para uma leitura que se quer construtiva, mostrando que o movimento imanente da arte contra toda determinação histórica traça paradoxalmente o relevo histórico de sua autonomia tanto quanto a função social dessas representações se encontra no fato de elas não terem, necessariamente, função social alguma.

## **LIMITS AND BOUNDARIES IN THE LATIN AMERICAN WRITING OF MODERNITY**

### **ABSTRACT**

Trace or braid considerations about the differences and approaches among poetry and chronicle is what is proposed this essay, which questions the boundaries between different art forms of the same: the writing. The ideas exposed here make you think about the writing of modernity, which transforms and crosses genres, making the boundaries are blurred. In this context, the chronicles have become a transformative space for prose and poetry, which were impregnated with one another, in a movement of mutual absorption of textual and poetic techniques. In developing the essay, we approach theoretical notes to the names of Olavo Bilac, Ruben Darío, Leopoldo Lugones and José Martí - famous for his poetic ability, for their political positions, for their texts. Multiple and artists of writing, they are just some of many names who lived the contradictions of modernity and transformed them into text.

**Keywords:** Chronicle. Poetry. Modernity.

### **Notas**

<sup>1</sup> Graduada em Jornalismo, mestre em Literatura Brasileira e doutoranda em Teoria Literária no Programa de Pós-Graduação em Literatura - Universidade Federal de Santa Catarina.



## REFERÊNCIAS

AGAMBEN, Giorgio. *Idéia da Prosa*. Lisboa: Edições Cotovia, 1999.

ANTELO, Raul (org). *Identidade e Representação*. Florianópolis: PPGL/UFSC, 1994.

BAUDELAIRE, Charles. *Sobre a modernidade*. 3 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

BECALI, Ramón. *Martí corresponsal*. La Habana: Editorial Orbe, 1976.

BENJAMIN, Walter. *Charles Baudelaire: um lírico no auge do capitalismo*. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BERMAN, Marshall. *Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade*. São Paulo. Cia das Letras, 1986.

CALLOIS, Roger. *O Mito e o Homem*. Lisboa: Edições 70, 1986.

CAMPOS, Haroldo de. *A arte no horizonte provável: e outros ensaios*. 4. ed. São Paulo: Perspectiva, 1977.

CANCLINI, Néstor García. *Culturas Híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade*. 4 ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2003.

FRIEDERICH, Hugo. *Estrutura da lírica moderna*. São Paulo: Duas Cidades, 1978.

RAMA, Angel. *Ruben Dario y el modernismo*. Caracas: Alfadil, 1985.

ROTKER, Susana. *Fundación de uma escritura: las crônicas de Jose Martí*. La Habana: Casa de las Américas, 1992.

RESENDE, Beatriz (org). *Cronistas do Rio*. Rio de Janeiro: José Olympio: CCBB, 1995.

### ARTIGOS DE REVISTAS

BERARDINELLI, Afonso. *Os confins da Poesia*. Revista Inimigo Rumor, nº14. São Paulo: Cosac & Naify, 2003.

MALLARMÉ, Stéphane. *Crise do Verso*. Revista Inimigo Rumor nº14. São Paulo: Cosac & Naify, 2003.

MEIRA, Caio. *Arte e artifício – manobras de fim-de-século*. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras da UFRJ, 2002.

SARLO, Beatriz. *Conflitos e representações culturais*. Novos estudos. - CEBRAP, São Paulo, n. 75, 2006 .

ZANETTI, Susana. *O intelectual modernista como artista: Rubén Darío*. Revista Tempo Social, v. 19, n. 1.